

EDUCAÇÃO FÍSICA E TECNOLOGIAS DIGITAIS: formação profissional, práticas educacionais e socioculturais

A presença cada vez maior das inovações tecnológicas, sobretudo as digitais, na sociedade contemporânea é indiscutível; de uma forma ou de outra, estamos todos participando, o tempo todo, de mecanismos informacionais que nos colocam em rede permanentemente. Vivemos numa sociedade multitela, como afirma Rivoltella (2008)¹. A partir das telas digitais de computadores, telefones e outros equipamentos, milhões de operações envolvendo transferência de informações acontecem nas largas infovias da rede mundial

de computadores. Por meio delas, acessamos sites de informações e entretenimento, consultamos conta bancária, lemos jornais e revistas, nos comunicamos com amigos, pesquisamos coisas do nosso interesse, preços, etc.

No mundo acadêmico, tanto na formação profissional quanto nas práticas de investigação, já quase não se consegue conviver sem os recursos das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Plataformas digitais nos permitem acessar ao conhecimento científico disponibilizado em periódicos *on*

¹ RIVOLTELLA, Pier C. A formação da consciência civil entre o "real" e o "virtual". In: FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. Liga, roda, clica – estudos em mídia, cultura e infância. Campinas: Papyrus, 2008.

line, bibliotecas, anais de eventos científicos, repositórios digitais. Plataformas também são usadas para estratégias de ensino-aprendizagem na formação inicial e continuada nas modalidades de educação a distância e como apoio no ensino presencial, como o moodle e a plataforma Freire, adotadas pelo governo federal para, respectivamente, a universidade aberta do Brasil (UAB)² e para o plano nacional de formação de professores³. Outras políticas públicas como o ProInfo⁴ vem desenvolvendo núcleos de tecnologia educacional (NTEs) em secretarias de educação e, através deles, criando salas informatizadas dotados de computadores e outras TICs em escolas públicas.

No campo da socialização mediada pela tecnologia, os sistemas de relacionamento social (orkut, facebook), os diários virtuais interativos (blogs e twitter), os mecanismos de conversação *on line* com áudio e vídeo (MSN, skype) e outros avançam num ritmo tão alucinante que fazem com que até mesmo o correio eletrônico (e-mail), que revolucionou as comunicações assíncronas pessoa-a-pessoa nos anos 90, já se

apresente como uma tecnologia defasada, quase superada.

As TICs vêm sendo incorporadas ao cotidiano contemporâneo de tal forma que, progressivamente, estão sendo naturalizadas, como se essa presença fosse uma segunda natureza, mera extensão dos sentidos e capacidades humanas, como já advertira McLuhan (1995)⁵. As modificações do contexto sociotécnico que vivenciamos nas últimas duas décadas fazem com que as crianças e jovens nascidos a partir dos anos 90 do século passado sejam reconhecidos como “nativos digitais”, por não terem convivido com uma cultura em que tais possibilidades geradas pelos suportes tecnológicos ainda não existissem.

Por tudo isso, entendemos que não há como negar a importância dos meios tecnológicos em nossas vidas. Mas todo esse arrebatamento com a tecnologia precisa ser cuidadosamente refletido, especialmente no meio acadêmico. É do papel do intelectual distanciar-se daquilo que está dado, não para negá-lo, mas para ajudar a explicitar o conjunto de determinações, interesses e valores que circundam o processo de

2 Ver mais informações em: <http://uab.capes.gov.br/index.php>

3 Plataforma Paulo Freire, acesso através do endereço: <http://freire.mec.gov.br/index-static>

4 Programa Nacional de Informática na Educação. Mais informações em: <http://www.inclusaodigital.gov.br/links-outros-programas/proinfo-programa-nacional-de-informatica-na-educacao/>

5 MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**, 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

tecnificação da informação/comunicação, analisando seus impactos, identificando contradições, limites e lacunas, explorando outras formas de significação.

Slogans que anunciam os tempos atuais como a “sociedade da informação” servem muito mais para ressaltar a dimensão tecnológica do suporte do que a importância da informação e do acesso e sua apropriação como base para a construção do conhecimento, reconhecendo neste sim um motor de transformações sociais, culturais e econômicas possíveis, pelos sentidos estabelecidos, que são frutos da interação humana que lhes é precedente.

Isso não quer dizer, é claro, que a tecnologia e a informação por ela disponibilizada sejam neutras. Os contextos em que são produzidas e distribuídas são perpassados pelos valores sociais hegemônicos, orientados pelos interesses do capital, portanto, diretamente voltados à produção de necessidades de consumo. Inclusive, em muitos casos, com a concordância e até mesmo a concorrência de órgãos governamentais, como foi o caso de edital público para compra de sistemas operacionais do projeto Internet na Escola (Governo FHC),

que tentou impor o monopólio do Windows, modelo comercializado pela Microsoft, em detrimento de outros sistemas livres e gratuitos (LIMA, 2007)⁶.

Mas tal condição não impede que os usos dessa base material e da informação, permitidos a partir da autonomia de acesso e de apropriação, as transforme em ferramentas de resistência e de cidadania, para a construção do novo, do diverso. Na perspectiva da formação de redes, é preciso pensar para além da conectividade digital, de computadores, telefones, etc., porque a verdadeira rede se constrói quando sujeitos humanos dispõem-se a participar, a ressignificar e a compartilhar saberes e conhecimentos, numa perspectiva multicultural, horizontalizada, colaborativa, de múltiplos fluxos e direções, como são, por exemplos, os movimentos mundiais em favor do *Open Source* (softwares de código aberto ou livre) e do *Open Access* (garantia de acesso livre à informação e ao conhecimento).

Na mesma direção, é preciso que nos debruçemos atentamente sobre os programas institucionais de “inclusão digital”, financiados com verbas públicas e/ou através de isenções (renúncias) fiscais por parte

6 LIMA, Maria de Fátima Monte. **No fio de esperança: políticas públicas de educação e tecnologias da informação e da comunicação**. Maceió: EDUFAL, 2007.

da iniciativa privada. Considerando que as tecnologias digitais vem proporcionando uma abertura inimaginável à informação, à cultura e à indústria do entretenimento, é fundamental que tenhamos projetos sociais que busquem garantir o acesso de todos a essa rede informacional e comunicacional. Independente da classe social, gênero, geração, raça/etnia e cultura, o direito à cidadania digital deve ser considerado um bem coletivo a ser conquistado e, neste sentido, o papel da sociedade organizada e do poder público são intransferíveis e indispensáveis. Mas é também preciso compreender tal direito como algo que transcende ao fetiche do computador-máquina. Junto com ele, são necessárias políticas públicas que possibilitem igualmente o acesso à rede de banda larga estável, em condições favoráveis e seguras, preferencialmente gratuitas para as classes populares; que se disponham permanentemente técnicos e monitores que possam auxiliar a resolver dificuldades operacionais enfrentadas; que se oportunizem programas permanentes de formação para uso dos

sistemas, softwares e periféricos.

Situações como essas podem ser observadas nos Pontos de Cultura⁷ e em outras iniciativas nesta direção, que timidamente começam, nos últimos anos, a se desenvolver em comunidades de diferentes características socioculturais. Mas, é claro, há muito ainda o que se fazer para que se possa falar em cidadania digital para a maioria da sociedade brasileira.

No campo educacional, são necessários também programas de formação inicial e continuada de professores para atuarem com as tecnologias nos processos escolares⁸, não apenas como ferramentas potencializadoras das aprendizagens tradicionais, presenciais, mas sobretudo como mobilizadoras de novos processos criativos de aprendizagens balizadas pela capacidade de busca autônoma, pela auto-organização das experiências educativas, pelas ações colaborativas/cooperativas, em rede, *na* e *entre* escolas, que permitam a existência de uma “escola aprendente”

7 Ponto de Cultura é uma ação de um programa do Ministério da Cultura chamado Cultura Viva, concebido como uma rede orgânica de gestão, agitação e criação cultural. Além de incentivar a criação de projetos, o Ponto de Cultura potencializa iniciativas culturais já existentes, alcançando ações como adequação de espaço físico, compra de equipamentos ou realização de cursos, oficinas culturais e de produção artística (ver mais informações no sítio do Ministério da Cultura <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/>)

8 Ver, por exemplo, artigo de Mônica Fantin e Gilka Giradello “Diante do abismo digital: mídia-educação e mediações culturais, no dossiê Tecnologias e Educação da revista *Perspectiva* (n. 27, jun/2009), disponível em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva>.

(BONILLA, 2005)⁹, que se constitua, a si própria - porque no conjunto de sua comunidade (docente e discente) -, num espaço político de ação coletiva para uma cidadania, efetivamente, participativa.

Parece-nos que, no que tange às tecnologias na educação, mais do que o aprendizado técnico dos seus recursos, o grande desafio que está posto aos professores, sejam eles universitários ou da educação básica, é como incorporar as tecnologias digitais organicamente às suas metodologias de ensino, sem reduzi-las à condição de mera de ferramenta periférica ou suporte técnico, mas sem, todavia, transformá-las em objeto próprio de ensino-aprendizagem, no lugar dos conteúdos específicos de cada área ou campo do conhecimento.

Ciente de tal importância, a Motrivivência pautou essa temática para o presente número, entendendo que a Educação Física, a par de nutrir-se das reflexões sobre as TICs que ocorrem nos campos educacional, sociocultural, filosófico e da epistemologia, também precisa desenvolver suas próprias interpelações, isto é, necessita refletir sobre as demandas que vem do campo da cultura corporal de movimento, na escola e fora dela.

Assim, essa edição, nas suas seções tradicionais, é composta por reflexões mais gerais, como por exemplo, sobre os *consumos culturais aos usos das mídias e tecnologias na prática docente* (Mônica Fantin), as *políticas públicas para inclusão digital nas escolas* (Maria Helena Bonilla) e os *professores universitários em rede: um jeito hacker de ser* (Nelson Pretto). E também por textos que enfocam diferentes dimensões e práticas da cultura corporal de movimento (Educação Física escolar, esporte e lazer), pensando-as a partir dos atravessamentos tecnológicos e midiáticos que estas sofrem na contemporaneidade. Neste campo, temos, entre outros, relatos de experiências com *oficinas de produção de blogs* em eventos de Educação Física (Lyana Thediga Miranda), reflexões sobre o *hibridismo tecnologia/percepção humana*, na figura do *olheiro*, descobridor de talentos no futebol (Fernando Gonçalves Bitencourt), as tecnologias digitais em *convergência* na Educação Física escolar (Rodrigo Cordeiro Camilo, Mauro Betti), na *avaliação educacional* (Tatiana Passos Zylberberg), no *marketing esportivo* (Marcos Roberto Godoi), nas *experiências virtuais* (Ana Paula Salles da Silva, Ari Lazzarotti Filho, Ana Márcia Silva), etc.

9 BONILLA, Maria Helena. **Escola aprendente: para além da sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

Como se pode perceber, o tema debatido pelos autores traz consigo desafios político-pedagógicos e utopias, sobretudo quando está em jogo o processo ensino-aprendizagem e as TICs, aliado às reflexões sobre a compreensão espaço-temporal na *sociedade do conhecimento* no âmbito da chamada “condição pós-moderna”¹⁰. Neste sentido, consideramos importante recorrer ao também homenageado Saramago, com sua emblemática e incisiva afirmação: *não tenhamos pressa, mas também não percamos tempo*.

Cabe agora uma referência ao nosso homenageado: numa edição que trata das tecnologias digitais no campo da Educação Física, ninguém melhor a ser celebrado do que o professor Laércio Elias Pereira, colega que desde sempre esteve/está preocupado em garantir aos profissionais da área conhecimentos, serviços e oportunidades para o trato com a informação, a comunicação e a documentação em Educação Física, esporte, lazer. Seu currículo, vasto e diversificado como podemos ver no seu texto de apresentação¹¹, talvez possa ser sintetizado pela criação do CEV – centro esportivo virtual – que se tornou no ponto de encontro virtual das comunidades e tribos das *ciências do esporte* (como ele mesmo

gosta de dizer!), apresentando a muitos de nós as possibilidades da comunicação eletrônica.

Por fim, queremos destacar que, graças ao esforço de todos que compõem essa editoria e, sobretudo, à generosa contribuição de tantos pesquisadores e autores, temos conseguido reduzir a diferença entre data de capa e data de publicação da *Motrivivência*. Estamos projetando que essa diferença deve acabar definitivamente na edição n. 37, de/em dezembro de 2011, quando pretendemos alcançar nossa regularidade e partir para novos desafios, como uma reformulação do quadro de pareceristas, a migração completa do acervo da revista para a plataforma digital de periódicos da UFSC e a digitalização total das nossas rotinas editoriais.

Neste sentido, estamos conclamando a todos e aguardando contribuições para o próximo número da *Motrivivência*, que abordará a *Educação Física, Esporte, Lazer e o Mundo do Trabalho*, tendo o professor Marcelo Paula de Melo como editor-convidado (recebimento de originais até 31/03/2011).

Ilha da Magia,
novembro de 2010.

Mauricio Roberto da Silva
Giovani De Lorenzi Pires
Editores

10 CHAUÍ, Marilena. *A universidade pública sob nova perspectiva*. Conferência de Abertura da ANPED. Poços de Caldas: 05/10/2003.

11 Recolhido da seção *Quem é Quem*, no sítio do Centro Esportivo Virtual (www.cev.org.br).